



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA GORETE LUIZ DA SILVA

**INVESTIGANDO PROCESSOS DE ENSINO DA LEITURA E ESCRITA
NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE
GERALDO DA SILVA PINTO NA CIDADE DE PILÕEZINHOS/PB**

GUARABIRA – PB
2014

MARIA GORETE LUIZ DA SILVA

**INVESTIGANDO PROCESSOS DE ENSINO DA LEITURA E ESCRITA
NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE
GERALDO DA SILVA PINTO NA CIDADE DE PILÕEZINHOS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Vanusa Valério dos Santos

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Silva, Maria Gorete Luiz da
Investigando processos de ensino da leitura e escrita na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Geraldo da Silva Pinto na cidade de Pilõesinhos/PB [manuscrito] : / Maria Gorete Luiz da Silva. - 2014.

46 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Vanusa Valério dos Santos, Departamento de Educação".

"Colaboração: Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins",
Izandra Falcão Gomes

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Processo de Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 028

MARIA GORETE LUIZ DA SILVA

Investigando processos de ensino da leitura e escrita na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Geraldo da Silva Pinto na cidade de Pilõesinhos/PB

Monografia apresentada à UEPB Campus III, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 25 de Julho de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Vanusa Valério dos Santos

Profª. Esp. Vanusa Valério dos Santos (UEPB)
Orientadora

Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins

Profª Ms. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins (UEPB)

Izandra Falcão Gomes

Profª. Ms. Izandra Falcão Gomes (UEPB)

Guarabira/PB
2014

Dedicatória

A toda minha família, em especial meus pais: José e Severina (in memoriam), ele analfabeto e ela semianalfabeta, não cessaram esforços para me incentivarem a buscar novos conhecimentos, não deixando desistir nos momentos mais difíceis do meu sonho: ser Pedagoga. E as minhas irmãs: Graça e Maria (Nova), que durante esta difícil jornada mim deram forças e me fizeram acreditar que chegaria ao fim desta longa e espinhosa batalha.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus.

Por toda esperança a qual depositei, com a certeza de que chegaria até o fim desta longa caminhada. Por Ele ter iluminado minha mente a respeito do que fazer e escrever. Obrigado Senhor!

A minha família.

Pelo incentivo e apoio que a mim depositaram;

A minha orientadora Vanusa Valério.

Que muito contribuiu com a minha formação e realização deste trabalho, sempre confiando e acreditando em mim e no que eu produzia.

A todos os professores da UEPB.

Que em suas particularidades nos ajudaram a ser seres críticos, independentes e autônomos na construção de nossas aprendizagens.

A todos os funcionários.

Que nos atendiam com suas generosidades.

A toda turma 2010.2

Que direta ou indiretamente, criamos laços de amizade, aprendendo a respeitar as diferenças e seguindo de mãos dadas até o fim.

A meu esposo Everaldo

Que mesmo em alguns momentos não me apoiando, mais esteve do meu lado sem proibir-me de seguir a diante.

As minhas amigas Márcia, Rayane, Manuela, Ansilidia

Que mesmo nos momentos de discórdias construímos uma amizade sólida, que esperamos o tempo não apagar.

Obrigado

A todos!

O PRAZER DE LER

Mais do que palavras, ler é saborear
Histórias tristes e belas, cenários de encantar
Mais do que ciência, ler é experimentar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler
Ler é não ter medo, ler é liberdade,
Ler é ser honrado, ser nobre, ser elevado
Ler é viajar, por terra, por rio e mar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler
Ler é ser capaz, ler é ser audaz
Ler é arriscado, por isso tem cuidado
Ler é vaguear de dia ou ao luar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler
Ler é mais que tudo o que possas imaginar
Ler é ser alguém, alguém que tem para dar
Dar e receber, dar para viver
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler

Eliseu Alves

RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta algumas reflexões e análises sobre a leitura e escrita em uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Pilõezinhos/PB. O foco da pesquisa foi investigar a prática pedagógica das professoras no que se refere ao desenvolvimento do gosto e prazer pela leitura e escrita. Assim como perceber se os educandos têm sido motivados a ler e escrever por prazer naquele espaço escolar. A motivação desta inquietação foi às vivências de docentes desde os primeiros passos na vida profissional e acadêmica. Neste trabalho utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa participante que de acordo com Gil (2010) é uma modalidade que torna os sujeitos ativos em todo processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, o trabalho ora apresentado teve como forma de abordagem a pesquisa quali-quantitativa. A modalidade escolhida para a investigação foi pesquisa de campo, contemplando os objetos de cunho exploratório e descritivo. As técnicas utilizadas para coleta de dados foram o questionário e a observação. Já os instrumentos empregados foram guia de observação e roteiro de perguntas utilizadas para o questionário. Contudo, este trabalho monográfico está dividido em cinco tópicos, baseado em dados teóricos e empíricos. Num primeiro momento será introduzida de forma breve a pesquisa. Em seguida apresentaremos os procedimentos metodológicos, ou seja, o desenho da investigação. Neste item será abordado os objetivos, tema, hipóteses, coleta de dados, tipologia do estudo, procedimentos e abordagem do problema. Para fundamentar a metodologia recorreremos aos pesquisadores Gil (2010), Marconi e Lakatos (2010), e Oliveira (2007). Logo após, apresentaremos o referencial teórico que segundo Marconi e Lakatos (2010) é o momento de correlacionar a pesquisa com o universo teórico, fazendo a interpretação dos significados dos dados levantados. Sendo assim o referencial será dividido em: Retrospectiva histórica da leitura e escrita, que será embasada em: Barbosa (1991), Lima; Azevedo; Katezentein (1986), Cagliari (2001), Nero (2008), Magalhães (1996), Bezerra (2000) e Soligo (2001). A leitura na escola: é possível ler na escola? Para este aprofundaremos em Smith (2001); Lerner (2001), Gouveia; Orenztejn (2000) e Silva (2012). A leitura e a escrita: um meio para realização de aprendizagens significativas. Neste recorreremos aos seguintes pesquisadores: Fonseca (2006), Soares (2004), Gadotti (2003), Freire (1998), Anderle (2005) e Moran (2000). Dando continuidade, relataremos a análise e descrição dos resultados da investigação. Que segundo Marconi e Lakatos (2010) é o momento mais importante da pesquisa, pois aqui será apresentado a interpretação dos resultados, confirmando ou não as hipóteses. Esta pesquisa teve a intenção de expressar as reflexões e experiências singulares de uma pedagoga-pesquisadora em formação. Meu desejo é o de apresentar possibilidades que podem vir a quebrar/romper a ideia entre as crianças de que ler é chato e só serve para fazer exercícios.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Gosto. Prazer.

ABSTRACT

This monograph presents some reflections and analyzes of reading and writing in a municipal elementary school city Pilõesinhos/PB. The focus of the research was to investigate the pedagogical practice of teachers with regard to the development of taste and enjoyment of reading and writing. As if realizing the students have been motivated to read and write for pleasure that school space. The motivation of this restlessness was the experiences of teachers from the early stages of their professional and academic life. In this work we use as a methodological procedure participatory research that according to Gil (2010) is a form which makes them active subjects in their teaching learning process. Thus, the work presented was to approach the form of qualitative and quantitative research. The chosen method was to research fieldwork, contemplating the objects of exploratory and descriptive nature. The techniques used for data collection were the questionnaire and observation. Have employees been instruments guide observation and interview guide used for the questionnaire. However, this monograph is divided into five topics, based on theoretical and empirical data. Initially will be introduced briefly the research. Then we present the methodological procedures, ie, the research design. This item will be addressed the goals theme, hypotheses, data collection, type of study, procedures and approach to the problem. To support the methodology we use to researchers Gil (2010), Marconi and Lakatos (2010) and Oliveira (2007). Soon after, we will present the theoretical framework that according to Lakatos and Marconi (2010) is the time to correlate research with theoretical universe, making the interpretation of the meanings of the data collected. Thus the framework will be divided into: Historical background of reading and writing, which is grounded in Barbosa (1991), Lima; Azevedo; Katezentein (1986), Cagliari (2001), Nero (2008), Magellan (1996), Bezerra (2000) and Soligo (2001). The reading in school: Can read in school?. For this deepen in Smith (2001); Lerner (2001), Gouveia; Orenztejn (2000) and Silva (2012). Reading and writing: a means for achieving meaningful learning. This we used the following researchers: Fonseca (2006), Smith (2004), Gadotti (2003), Freire (1998), Anderle (2005) and Moran (2000). Continuing, we report the analysis and description of research results. Which according to Lakatos and Marconi (2010) is the most important time of the survey, for here the interpretation of results will appear, confirming whether or not the assumptions. This research was intended to express the thoughts and unique experiences of an educator-researcher in training. My desire is to present possibilities that may break / break the idea among children that reading is boring and only serves to make exercises.

Keywords: Reading. Writing. Taste. Pleasure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem de uma caverna da serra da capivara.....	17
Figura 2 – Papiro como suporte a escrita. Precursor do papel.....	18
Figura 3 – A escrita cuneiforme escrita em tábuas.....	19
Figura 4 – Pergaminho.....	20
Figura 5 – Símbolos que formaram o alfabeto desde a antiguidade.....	20
Figura 6 – ABC da Infância Primeira coleção de cartas para aprender a ler.....	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
3. REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1. Retrospectiva histórica da leitura e escrita.....	16
3.2. A leitura na escola: é possível ler na escola?.....	23
3.3. A leitura e a escrita: um meio para realização de Aprendizagens significativas.....	27
4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....	30
4.1 Dados de observações informais.....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco averiguar os processos de ensino da leitura e escrita na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Geraldo da Silva Pinto na cidade de Pilõesinhos/PB.

Sendo assim, o que nos motivou investigar tais processos foi perceber no cotidiano das salas de aula a desmotivação e desinteresse dos alunos em relação à leitura e observar o quanto os mesmos encontravam-se sedentos do saber para ler. Mas não aquela leitura descontextualizada e pouco significativa. Esta já não mais comprazia seus motes. Precisavam do contato com o ato de ler e escrever como práticas sociais indispensáveis à construção do conhecimento, que favorecesse o acesso a aprendizagens significativas, e conseqüentemente ao gosto e prazer pela leitura. Entretanto, o principal desafio foi inserir os alunos em contato com diferentes linguagens a fim de facilitar a compreensão, interpretação e produção de textos, as quais são atividades humanas que mobilizam todos os tipos de capacidades da linguagem que implicam em suas dimensões culturais, sociais e psicológicas.

Por se tratar de práticas indispensáveis aos seres humanos, pretendemos nesta pesquisa trazer possíveis explicações de como desenvolver o gosto e o prazer pela leitura e escrita nas séries iniciais. Pois tais práticas nos dias atuais têm voltado olhares perspicazes nas instituições escolares, porque através da leitura o leitor realiza a construção do significado do texto, além de desenvolver sua autonomia. E o contato com a escrita o tornará em um ser crítico, capaz de expor suas ideias e ter acesso às formas mais complexas de socialização da vida cidadã.

A pesquisa foi escolhida devido às diversas vivências em sala de aula, observações realizadas e, em contato com educadoras, pudemos constatar que as práticas de leitura e escrita por prazer são um grande desafio a ser superado nos dias atuais, pois com o avanço das tecnologias os alunos têm momentos considerados mais atrativos e prazerosos fora da sala de aula facilitando o seu contato com diversas formas de ler e escrever, dificultando o trabalho dos docentes em sala de aula e, ao mesmo tempo, colocando-os em constante busca de inovação em suas práticas metodológicas a fim de cultivar o gosto e o prazer pela leitura e escrita.

Levando em consideração o avanço da globalização e os grandes investimentos nas novas tecnologias, as escolas hoje têm um desafio ainda maior,

pois a leitura e a escrita tem ocupado um papel diferente, elas saem do livro, do caderno e passam a existir também de forma atrativa e prazerosa no ciberespaço (blogs, facebook, sites, redes sociais, etc.). Portanto, buscamos observar a dinâmica da leitura e escrita oferecida em sala de aula e compará-la com a atratividade oferecida fora da escola, bem como o gosto e o prazer pela leitura e escrita associados à metodologia adotada pelas professoras e também ao modelo de leitores e escritores que representam para seus alunos.

Logo os objetivos descritos para desenvolver esta pesquisa foram: investigar as práticas pedagógicas das professoras no que se refere ao desenvolvimento do gosto e prazer pela leitura e escrita; identificar na sequência didática das professoras a variedade de textos trabalhados; caracterizar a metodologia de trabalho utilizada pelas mesmas e levantar o acervo referente à literatura infanto-juvenil disponível na escola acima mencionada. A referida escola é o campo de trabalho onde desempenho minha função como docente há um ano e cinco meses. Fato este que facilitou o contato com as professoras, como também o conhecimento da realidade que a permeava. A pesquisa teve como base uma experiência de três meses, entre 30 de março a 30 de junho, período destinado às observações e a aplicação do questionário, o qual foi respondido pelas professoras para análise do nosso objeto de estudo. Para tanto, apoiamo-nos em Smith (2001) que nos respaldou mostrando a sala de aula como lugar marcante na vida das crianças e os professores como principais responsáveis em determinar se elas serão leitoras e escritoras ou não. Lerner (2001) nos fez refletir que por meio da realização de projetos de leitura e escrita a escola estará possibilitando a formação de leitores autônomos, e Soligo (2001) apresenta que a prática de leitura constante na escola fará dos educandos leitores autônomos e independentes.

Todavia cultivar o gosto e prazer de ler e escrever são atos relevantes à escola e aos professores por juntos estarem formando indivíduos conscientes para enfrentarem os desafios da sociedade. Para os alunos, porque estão tendo a oportunidade de entrarem na cultura letrada e intervirem no mundo. Para sociedade, por ter cidadãos preparados para exercerem sua cidadania. Para a Academia, por ser uma instituição formadora de profissionais da educação.

Para melhor delineamento e entendimento, este trabalho organizou-se da seguinte maneira: No primeiro momento introduzimos, de forma breve, a pesquisa.

Em seguida apresentamos os procedimentos metodológicos, ou seja, o desenho da investigação. Logo após, apresentaremos o referencial teórico, este dividido em: Retrospectiva histórica da leitura e escrita; A leitura na escola: é possível ler na escola? A leitura e a escrita: um meio para realização de aprendizagens significativa. Dando continuidade relatamos a análise dos dados coletados na pesquisa de campo. Por fim, apresentamos nossas considerações finais que servirão de reflexão para pesquisas futuras.

É importante salientar que este trabalho não tem por intenção traçar um caminho a ser seguido, mas de expressar reflexões que venham romper a ideia de que ler e escrever em sala de aula é chato.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este é o item mais abrangente da pesquisa, pois nele estão todos os procedimentos utilizados no decorrer do trabalho de investigação.

Portanto, o trabalho compõe os seguintes elementos: tema, abordagem do problema, hipóteses, coleta de dados, tipologia do estudo, procedimentos e abordagem.

Sendo assim, a referida pesquisa foi realizada na Escola Municipal Padre Geraldo da Silva Pinto, no município de Pilõezinhos, P/B. Tivemos como problema a investigar: Quais as dificuldades enfrentadas pelos professores para desenvolver o gosto e o prazer pela leitura e escrita nas séries iniciais?

Temos como objetivo geral investigar a prática pedagógica das professoras no que se refere ao desenvolvimento do gosto e prazer pela leitura e escrita nas turmas de 2º ao 5º ano do ensino fundamental I, na escola acima mencionada. Sabe-se que colocar o aluno em contato com situações produtivas de leitura e escrita é indispensável para possibilitar seu ingresso no universo encantador que é desenvolver o gosto e o prazer de ler e escrever, ou seja, permita fazer parte da cultura letrada e torne-os autônomos na construção do conhecimento.

Portanto, optamos por uma pesquisa de metodologia quali-quantitativa, por entender que corresponde à obtenção dos resultados, permitindo-nos interpretar e descrever os fatos observados com precisão. De acordo com Oliveira:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar com profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto da pesquisa (OLIVEIRA, 2007, p.60).

Segundo Oliveira (2007, p.62), a abordagem quantitativa “se constitui em quantificar dados obtidos através de informações coletadas por meio de questionários, entrevistas, observações e utilização de técnicas estatísticas”. Logo, com a utilização dos procedimentos metodológicos quali-quantitativos, podemos atender aos objetivos da nossa pesquisa garantindo a precisão dos resultados e possibilitando uma margem de segurança quanto às inferências da obtenção dos resultados, pois as abordagens qualitativas e quantitativas se completam, já que

existem fatos de domínio qualitativo e outros de cunho quantitativo.

Para tanto, utilizamos em nossa pesquisa de campo os estudos exploratório-descritivos combinados, os quais nos oferecem condições de descrever informações detalhadas sobre dados qualitativos e/ ou quantitativos, estas coletadas por meio de amostragem flexível, como: observação participante e questionário, com oito professoras da escola acima mencionada. De acordo com Marconi e Lakatos (2010):

[...] os estudos exploratório-descritivos combinado são estudos que tem por objetivo descrever completamente determinado fenômeno. Podem ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ ou qualitativas quanto acumulação de informações detalhadas, como por intermédio da observação participante (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.171).

Assim o trabalho investigativo procurou analisar a prática pedagógica das professoras da escola já citada, no que se refere às propostas de leitura e escrita com seus alunos.

Nesta investigação optamos para coleta de dados pela observação participante natural, porque pertencemos à mesma comunidade investigada, assim facilitando o nosso trabalho. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p177), a observação participante “consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”. E o questionário com perguntas abertas, possibilitando ao entrevistado responder livremente as questões propostas. Que, no entender Marconi e Lakatos (2010, p.186), “deve ser limitado em extensão e em finalidade. Se for muito longo causa fadiga e desinteresse; se curto demais corre o risco de não oferecer suficientes informações”.

Portanto, este trabalho foi realizado da seguinte maneira: a princípio fizemos uma visita prévia à instituição escolar e junto com as professoras detectamos o problema, traçamos possíveis estratégias de instigar o gosto e o prazer de ler e escrever. Como por exemplo, escolhemos alguns livros de literatura infanto-juvenil para serem trabalhados em sala de aula utilizando diversas estratégias de leitura, para que os alunos sintam prazer em desenvolver a habilidade de ler e escrever. No segundo momento, partimos para observação nas salas de aulas para nos certificar das práticas pedagógicas, metodologias e sequência didática utilizada pelas

professoras a respeito do desenvolvimento pelo gosto e prazer na leitura e escrita, como também fizemos o levantamento do acervo literário infanto-juvenil disponível na escola e a aplicação de um questionário com questões abertas que nos nortearão na análise dos resultados obtidos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este item consiste em fazer uma relação dos dados obtidos da pesquisa de forma interpretativa com os autores que abordam o tema em estudo, possibilitando dar consistência, fundamentar o tema escolhido.

Segundo Marconi e Lakatos (2010), o referencial teórico não deve ser apenas uma descrição de fatos empiricamente, mas tem como finalidade correlacionar a pesquisa com o universo teórico, fazendo a interpretação do significado dos dados levantados.

3.1 Retrospectiva histórica da leitura e escrita

Partindo do pressuposto que a leitura precede à escrita e para melhor entendimento de tal processo, precisamos conceituar leitura. De acordo com Solé (1998) a leitura é um processo de interação entre o texto e o leitor, pelo qual é realizada a decifração e a decodificação, a fim de refletir e construir significado, ou seja, a leitura acontece por meio da alfabetização.

De acordo com a pesquisa realizada os primeiros processos de alfabetização se deram pelos padres Jesuítas. Eles tinham o objetivo de abrir várias escolas para ensinar a ler de acordo com os princípios católicos e era utilizado o método sintético, que partia da soletração e silabação.

Em seguida, aproximadamente no final da década de 80, foi criada a Cartilha Maternal, sendo utilizado o método analítico, este partia da palavração. Por fim, nos dias atuais sendo defendido o meio de alfabetização que comece pela unidade maior o texto.

Podemos ressaltar que a escrita é uma consequência da leitura e mesmo tendo evoluído, ainda encontramos várias escolas utilizando o método da silabação ou soletração. Diante disso Cagliari (1996) diz que a atividade principal que uma escola deve desenvolver para formação dos alunos é a leitura, ou seja,

[...] é muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa [...] (CAGLIARI 1996, p.148).

Diante desta citação, percebemos o quanto a leitura é importante para nós e analisando a maneira que fomos alfabetizadas ou ainda muitos são alfabetizados, temos a convicção que o método utilizado é o que menos importa, o mais importante é ensinar a ler.

A história da escrita teve seu início marcado desde a pré-história, nas cavernas, nas quais os primeiros homens não utilizavam letras para representá-la, mas signos ou pintura. Sendo assim, a escrita surge como necessidade de comunicação entre os indivíduos e esses signos devem ser compreensíveis para sociedade da qual o homem faz parte, ela também é considerada como uma forma de expor seus sentimentos e pensamentos. Como afirma Barbosa (1991, p.34) “a escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos”.

Hoje é muito importante sabermos que a escrita não começou com as letras, mas sofreu um processo de construção que começou nas cavernas, com o registro nas paredes.

É através dessas representações que os homens conseguem registrar suas histórias e demonstrar o desejo de expressão que é inerente ao ser humano, tornando-os capazes de expressar-se por meio da escrita. Com o passar dos tempos, essas representações foram tomando formas e desenvolvendo um longo processo de mudanças e construção que começou nas paredes das cavernas com os registros nas paredes, até formar os primeiros alfabetos constituintes de letras.

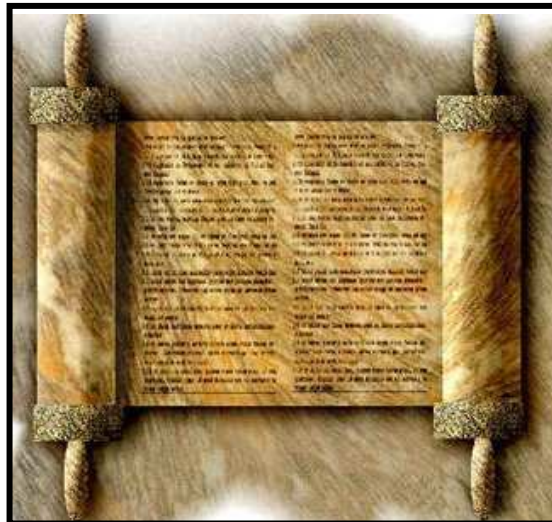


Fonte: <http://modernidadeartes.blogspot.com/2009/03/cavernas-saloes-de-arte.html>

Imagem 01 - Imagem de uma caverna da serra da capivara, no estado do Piauí, com pinturas datadas de 6 mil a 12 mil anos.

Com a evolução da escrita, surgem os primeiros textos. Eles foram escritos pelos Egípcios como forma de conservação do pensamento. Os mesmos utilizavam o papiro (planta que faziam folhas para escrever), como suporte para suas técnicas de escrita. Barbosa (1991) diz que:

Os mais antigos textos da humanidade foram escritos nos volumes, forma mais antiga de conservação do pensamento. No entanto, no volume, um rolo de papiro, o texto era escrito em estreitas colunas espaço em branco entre as palavras (BARBOSA, 1991, p. 87)



.Fonte:http://3.bp.blogspot.com/_tAdGYs3OuzM/Rz3K22iE0nl/AAAAAAAAAGA/7TeHDj794Cg/s320/papiro.jpg

Imagem 2 - Papiro como suporte a escrita.
Precursor do papel

Já os Sumérios escreviam em tábuas de argila usando um instrumento chamado cunha, por isso, sua escrita era denominada cuneiforme, a qual expressava a forma real dos objetos, não mais a representação de símbolo.



3
Fonte: <http://talentodaterra.blogspot.com/2008/12/surgescrita-cuneiforme.html>

Imagem 3 - A escrita cuneiforme era feita em tabuinhas de argila que mediam cerca de 5 cm de comprimento por 2,5cm de espessura.

Em seguida, no século XI, devido à fragilidade que o papiro apresentava e de sua difícil locomoção, os Romanos substituíram-lhe pelo pergaminho, material mais resistente feito de peles de animais, permitindo a reutilização. De acordo com Lima, Azevedo (1986)

O pergaminho era feito de peles de animais que eram 'lavadas, secas, estendidas no chão, com o pelo para cima cobertos com cal'. O pergaminho era um material mais sólido e mais flexível que o papiro, e permitia a reutilização. Tinha um preço elevado com relação ao papiro, devido à matéria prima e o custo da mão de obra (LIMA; AZEVEDO; S/D, p.04 apud. KATZENTEIN, 1986, p.179).

Diante desta citação podemos analisar que só possuíam a técnica da escrita quem tinha poder, pois o pergaminho era um material com preço elevado e os operários não tinham condições de ter acesso.



Fonte: <http://www.camarapacaambu.sp.gov.br/IMAGES/pergamino.gif>

Imagem 4 - Pergaminho

Por fim, os Chineses inventaram o papel, utilizavam-no para expressar suas ideias através de desenhos, logo chamada de escrita ideográfica.

Aos poucos, os símbolos foram tomando formas e sendo substituídos por letras, sendo criado o primeiro alfabeto pelos fenícios ao inventarem sinais para representar os sons.



5

Fonte: <http://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/origem-escrita.html>

Imagem 5 - Símbolos que formaram o alfabeto desde a antiguidade

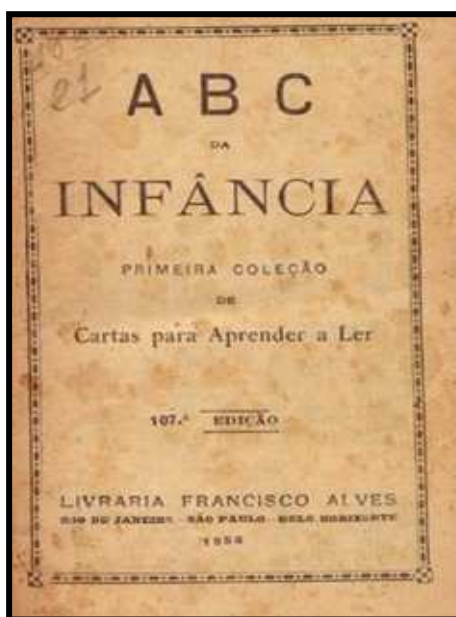
Os gregos e os romanos foram mudando um pouco essas letras até formar o nosso alfabeto que é usado em vários países do mundo.

Diante de todos os tipos de escritas, pudemos perceber que todos os povos tinham os mesmos objetivos, oferecer a comunicação entre os indivíduos, seja pela escrita, leitura ou oralidade. Como afirma Cagliari (1996):

[...] a escrita tem como objetivo a leitura. A leitura tem como objetivo a fala. A fala é a expressão linguística e se compõe de unidades, de tamanho variável, chamadas signos e que se caracterizam em uma essência pela união de um significado a um significante (CAGLIARI, 1996, p.114).

Sendo assim, os sistemas de leitura e escrita utilizados desde a Pré-história até os dias atuais baseiam-se na escrita ideográfica e fonográfica. Pois na antiguidade a oralidade era a forma que os gregos tinham de passar sua cultura.

Para alfabetizar na Idade Média, eram utilizadas nas escolas cartinhas, as quais tinham a finalidade de colocar os alunos em contato com a leitura, sendo esta uma atividade tão complexa como o ato de escrever. Cagliari diz que: “Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonéticos” (CAGLIARI, 1996, p.149). Posteriormente, essas cartinhas foram transformadas nas tradicionais cartilhas de abecedário, ou seja, pequenos livros que continham o abecedário, o silabário rudimentos do catecismo (INEZ, S/D).



6

Fonte: <http://espacoeducarliza.blogspot.com/2009/02/historia-das-cartilhas-de-alfabetizacao.html>

Imagem 6 - ABC da Infância Primeira coleção de cartas para aprender a ler

Diante deste contexto, podemos considerar que o ato de ler e escrever, no passado, era restrita a realeza, assim ficava claro que só as pessoas de posse dominavam tais práticas, servindo para diferenciar as classes.

Por volta do século XVI, o livro era considerado um objeto de arte, 'refletindo uma verdadeira arte de imprimir'. Os textos tinham uma estrutura mais organizada e comunicativa; os artesões se preocupavam com a beleza estética do livro. Gerando uma admiração por parte dos leitores. As cartilhas e os livros de catecismo foram os mais usados e difundidos para a aprendizagem da leitura e da escrita neste século. (Revista Brasileira de Educação, nº 2, 1996. p. 53; MAGALHÃES, 1996).

A partir do século XVIII, com o desenvolvimento do mundo industrializado, surgiu a necessidade de consolidação da leitura e da escrita, pois essa consolidação se dá por meio da obrigação de ordens: sociais, ideológicas, culturais, econômicas e culturais, que foram responsáveis pelo crescimento no âmbito educacional.

Essa novidade do mundo industrializado favoreceu aos burgueses o acesso às práticas de leitura e escrita. No entanto, para classe operária continuou sendo negado o direito de alfabetizar-se. Assim, compreendemos que desde os primórdios, a leitura e a escrita são práticas essenciais a construção do conhecimento, a inclusão na vida social, ao mercado de trabalho, na sociedade em geral.

No século XIX, o governo tornou a escolaridade obrigatória, mas o sistema continuava o mesmo. Apenas a burguesia possuía o saber adquirido através das práticas de leitura e escrita, as quais a utilizavam como fonte saber e lazer. Enquanto que, os pobres tinham de trabalhar para ajudar na renda familiar.

Neste contexto, percebemos o quanto a sociedade era, ou melhor, é cruel com aqueles que não têm o domínio da leitura e escrita, tornando-os seres humanos excluídos e marginalizados.

Com o passar dos anos, a educação começa a ter um caráter libertador, ou seja, oportunizando as classes menos favorecidas a desenvolverem a habilidade de leitura e escrita, mas o acesso à escola, as metodologias desenvolvidas a respeito de alfabetização e o alto índice de reprovação, ainda são em pleno século XXI, empecilhos para o desenvolvimento da escolaridade dos mais pobres. Soligo afirma que:

[...] é preciso considerar que há um sério comprometimento nas práticas de ensino; ou seja, a escola não está conseguindo cumprir seu papel mais antigo: ensinar ler e escrever. É preciso socializar cada vez mais os conhecimentos disponíveis a respeito

dos processos de aprendizagem: quanto melhor o professor entender o processo de construção do conhecimento, mais eficiente será seu trabalho final, ensinar de fato é fazer aprender (SOLIGO, 2001, p.207).

Nesta perspectiva, a escola e todos que a compõem devem ter como principal objetivo a construção do conhecimento do educando, colocando como foco do ensino aprendizagem a formação de bons leitores e bons escritores, pois nos dias atuais ler e escrever são uma ponte para ampliação do conhecimento.

Portanto, em pleno século XXI, em que predomina os avanços tecnológicos e a globalização, é preciso que os profissionais da educação vistam a camisa da esperança, da solidariedade, do amor, do comprometimento, da invenção e reinvenção para tornarem o ato de ler e escrever mais prazeroso, eficiente e eficaz.

3.2 A leitura na escola: É possível ler e escrever na escola?

Embora a leitura e escrita tenham evoluído em sua história, nos deparamos constantemente com diversas discussões a respeito de como fazer para que o ato de ler e escrever se torne mais dinâmico e diversificado em sala de aula.

Essa dificuldade vem se alastrando e perpetuando-se no Brasil, em nossas salas de aula. Mas diariamente nos perguntamos: Por que acontece? Será que não é a maneira como se alfabetiza? Lerner (2001) diz que,

[...] o tratamento que a escola (e somente ela) dá a leitura é perigoso porque corre o risco de assustar as crianças, ou seja, distanciá-las da leitura em vez de aproximá-las; ao colocar em juízo o contexto da leitura na escola, não é justo sentar os professores no banco dos réus, porque 'eles também são vítimas de um sistema de ensino' [...] (LENER 2001, p.19,20).

Nesse contexto, percebemos que nas escolas, e em particular a Padre Geraldo da Silva Pinto, na qual foi realizada a pesquisa, ainda perpetuam-se as práticas de alfabetizar ensinando palavras, sílabas, frases e por fim o texto, estes introduzidos para fins avaliativos, sendo desta forma priorizada a prática mecânica da leitura, pela qual, segundo a citação acima, não podemos culpar apenas os professores, mas todo um sistema de ensino.

É preciso mudar esse cenário nas escolas, tendo como ponto de partida o estímulo às práticas de leitura e escrita, mas para que elas aconteçam deve-se suscitar nos alunos e professores a vontade e a motivação de entrarem em vários mundos possíveis, inaugurando caminhos de encantamento, diversão, adrenalina, emoção, tristeza, alegria, e por que não dizer caminhos que farão crescer em conhecimentos. Lerner (2001, p.20) diz que: o essencial “é fazer da escola um ambiente propício à leitura, é abrir para todas as portas do mundo possíveis, é inaugurar um caminho que todos possam percorrer para se tornarem cidadãos da cultura escrita”.

Para que o ambiente escolar torne-se um lugar propício no desenvolvimento do ato de ler e escrever, devem se criadas nas práticas dos professores momentos diários de leitura. Através dos quais propicie o contato direto com várias atividades relacionadas. Nesse sentido Smith diz que:

Os professores podem tentar garantir que as crianças tenham oportunidade de ler frequentemente — ou de ouvir — histórias que tenham um apelo intrínseco e que despertem a sua atenção naturalmente. Os professores também podem fazer uso frequente da escrita para produzir uma atividade significativa, tanto durante uma brincadeira (atendendo em uma loja, publicando um jornal) como durante a rotina diária (SMITH, 2001, p.265).

Sendo assim, o papel do professor em sala de aula é determinante para que a criança aprenda ou não a ler. Porém, a escola por si só, não pode ser vista ou responsabilizada como principal responsável pelo sucesso ou fracasso alcançado pelas crianças no que desrespeito ao ato de ler e escrever. Smith diz que,

O que acontece na sala de aula é fundamental para muitas crianças porque pode determinar se elas se tornarão leitores ou não. Colocando uma criança no clube da alfabetização, um professor pode tornar-se uma das pessoas mais importantes na vida do leitor iniciante. As escolas não podem ser vistas como totalmente responsáveis pelo grau de sucesso alcançado pelas crianças ao se alfabetizarem. Entretanto, o papel a ser desempenhado pelos professores é fundamental (SMITH, 2001, p. 259).

Neste sentido, o professor precisa ser um facilitador no processo de desenvolvimento da leitura e escrita na vida dos alunos e não apenas um

transmissor, como também motivador de novas aprendizagens, estimulador da participação no ato de ler. Entretanto, para que os alunos leiam sem obrigação “é importante ler para as crianças, porém mais importante é ler com elas” (SMITH, 2001, p.262). O autor ainda acrescenta “Uma mudança interessante tem lugar quando um adulto e uma criança leem juntos” (2001, p.162).

Muitas escolas insistem no ensino programático, como meio de facilitar a alfabetização. Porém, Smith (2001) considera o ensino através de programas um problema, tanto para o educador como para os educandos, pois quem vive e conhece a realidade de cada sala de aula são os professores, os quais são induzidos pelos programas a realizarem momentos de atividades predeterminadas, para fins de obtenção de objetivos próprios. Com isso tornando as práticas de leituras e escrita em momentos desprazer. Smith explica que:

[...] O ensino programático envolve, tipicamente, atividades predeterminadas, exercícios, pré-requisitos, perguntas e respostas, respostas certas e erradas, pontos, notas, testes (muitos testes), objetivos, comportamentos iniciais, objetivos a serem atingidos, níveis de critérios e "responsabilidade". Esse tipo de ensino raramente envolve a criança em tarefas de leitura significativa (a não ser na mente do criador do programa). A linguagem escrita que é demonstrada e à qual a criança deve prestar atenção tende a ser fragmentada, descontextualizada e trivial (SMITH, 2001, p.267).

Diante desta citação, podemos perceber que a inserção do ensino sistematizado, principalmente no ato de ler e escrever, foi usada durante tanto tempo que até hoje muitos professores não conseguem imaginar que alfabetização aconteça sem fragmentações. Não concordo com o autor, pois tantos os programas como projetos que chegam às escolas se forem adaptados à realidade dos educandos, poderá sim trazer benefícios, como também realização de aprendizagem prazerosa. Quanto aos professores serem obrigados a realizarem tudo que os programas enviam também considero contraditório, pois se eles conhecem seus alunos e mandam na sala de aula deve encontrar meios de tornar momentos considerados sem sentido em inovação e construção de conhecimento.

Todavia, diversos estudiosos abordam que leitura e escrita na sala de aula devem ser inseridas com objetivos claros e precisos, pois para efetivar as boas-vindas ao mundo letrado é preciso que o professor tenha uma relação favorável com tais práticas e através dela possam experimentar as diversas funções da leitura, que

é: informar, emocionar, refletir, divertir... No entanto, o professor colocar-se a disposição do leitor e escritor não resolve todos os problemas de leitura e escrita das crianças, porque com o passar do tempo elas irão criar suas próprias interpretações e construirão suas estratégias de leitura. Sob essa ótica, o professor deve criar oportunidades para que os educandos consigam o autocontrole da leitura, sem fins avaliativos, mas como leitores autônomos, que possam decidir sobre o que é errado ou certo em suas interpretações.

Contudo, podemos destacar que mesmo a escola tendo que enfrentar diversos desafios no que se refere ao ato de ensinar a ler e escrever, é importante salientar que é na sala de aula que o professor vai ser o elo entre leitura e escrita, e para que ela aconteça com precisão é necessário quebrar vários tabus, inclusive o de que ler e escrever são práticas sem sentido, inúteis ou que servem apenas para controle da aprendizagem. Sobre isso Smith (2001) nos ajuda dizendo que:

Os professores devem garantir que todas as crianças sejam admitidas no clube da alfabetização, onde elas podem ver a linguagem escrita empregada de maneiras diferentes, úteis e significativas. A precisão e os exercícios não devem ser enfatizados à custa da significação para o aluno; eles são uma consequência e não um pré-requisito da experiência de leitura. Os professores devem proteger-se e também proteger os seus alunos dos efeitos de programas e testes que podem convencê-los de que ler é algo sem sentido, sofrido e inútil, ao invés de ser algo satisfatório, útil e frequentemente divertido (SMITH, 2001, p.270).

Nesta perspectiva, Lerner (2001) propõe que, para diminuir a distância entre intenções de resolver os problemas referentes à leitura e escrita e a realidade, é preciso que as instituições e seus integrantes elaborarem e colocarem em prática projetos de leitura e escrita, os quais refletem positivamente no ensino e na aprendizagem dos educandos. Ela nos faz entender que um dos possíveis caminhos para resgatar a autoestima, gosto e prazer pela leitura e escrita é a implantação de projetos institucionais, pois os mesmos “permitem instalar na escola, e não só na sala de aula, um ‘clima leitor’ que em alguns casos, se estende para os lares, porque vai conseguindo envolver de forma imperceptível não só as crianças, como também a família” (LERNER, 2001, p.37).

Portanto, quando as instituições escolares deixarem de encontrar apenas problemas e sim buscarem soluções, colocando como prioridade o ensino da leitura

e escrita através de projetos que deem sentido ao ato de ler, aí sim será possível ler na escola.

3.3 A leitura e a escrita: um meio para realização de aprendizagens significativas

Obter o gosto e o prazer pela leitura e escrita nos dias atuais é algo desafiador e interessante, que deixa de ser uma obrigação do indivíduo para assumir uma necessidade pessoal de sobrevivência do ser humano, pois em meio a uma sociedade em que a tecnologia e a modernidade se destacam nos obrigam não apenas codificar o decodificar, mas utilizar tais práticas como recursos necessários a vida, porque saber utilizá-los como prática social é deixar de ser oprimido e assumir um caráter libertador. Oprimido, no sentido tão bem colocado por Freire (1987) que o sujeito precisa libertar-se de si mesmo e dos opressores, assumindo uma postura de recuperação da humanidade de ambos.

Embora a colaboração para a construção do ato de ler e escrever comece no ambiente familiar, é a escola que cumpre sua função de oferecer de maneira eficaz a alfabetização e o letramento, alimentando a imaginação dos alunos, despertando a curiosidade e desenvolvendo a imaginação. Pois segundo Fonseca “a escola já que é o meio mais apropriado para esse processo, tem o dever de alfabetizar e letrar o indivíduo” (2006, p. 28).

Diante deste contexto, Soares (2004) aborda que vivemos em sociedade grafocêntrica, em que o letramento está incorporado à vida política, social, cultural e econômica dos indivíduos, ou seja, quem tem o domínio da alfabetização e do letramento estão inseridos em uma “instância privilegiada e valorizada de prestígio e de poder” (SOARES, 2004, p.58). Portanto, o termo alfabetização para muitos teóricos tornou-se insuficiente para demanda social e educacional, revelando que o letramento vai além, colocando os indivíduos em contato com seu mundo real, dando-lhes oportunidade de pensar e agir de maneira diferente, mudando tanto seu convívio social como cultural.

Colocar os indivíduos em condição de alfabetizar-se e letrar-se não é um caminho muito fácil de percorrer, mas desafiador, o qual chama a responsabilidade para o professor reconhecido como principal incentivador no desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas e verbal, a organizar em sala de aula um ambiente

acolhedor, encantador, o qual desperte no aluno o gosto e prazer de ler e escrever, pois as crianças aprendem quando querem e veem sentido no que quer aprender. De acordo com Gadotti (2003, p. 41), “Ele só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido”.

O ingresso das crianças em práticas de leitura e escrita desde o pré-escolar é um fator essencial para o desenvolvimento de sua aprendizagem, fomentando o gosto e o prazer de ler e escrever. Ao colocá-las em contato com as mais diversas situações de comunicação, mesmo não tendo o domínio do código, são capazes de ler e escrever, pois cada sujeito traz para sala de aula suas próprias leituras e experiências, as quais irão norteá-las no processo de aprendizagem.

Freire (1998) afirma que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”. E que a leitura do seu mundo foi sempre fundamental para compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo e transformá-lo. Nesse sentido, ler e escrever não estão ligados apenas a conhecer as letras, formar as sílabas, construir palavras e frases, mas é acima de tudo, está associada a construção de sentido, pelo qual envolve o texto, contexto e intertexto. Por isso, podemos considerar leitura e escrita puramente compreensão, já que

[...] aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (ANDERLE, 2005, p. 10).

A partir dessa abordagem sociocultural, é importante considerar que o educador (a) deve estar apto a respeitar todos os saberes trazidos pelos educandos, já que todas as salas de aula são compostas de várias culturas, crenças, valores, linguagem, etc. Transformando esse ambiente diversificado em promoção de aprendizagens significativas, pelas quais os alunos sejam capazes de ler, escrever, interpretar e futuramente reescrever suas histórias de conquistas da autonomia, independência e cidadania. Como diz Fonseca (2006, p. 23).

Mesmo sendo essa a função da escola, instigar no discente o prazer e o hábito da leitura e, conseqüentemente, da escrita, torna-se imprescindível ao leitor o esforço para detenção de tal aprendizagem, porque ler e escrever são uma necessidade pessoal e não uma obrigação basta apenas lembrar que a leitura/escrita é algo interessante e desafiador que conquistado plenamente, trará autonomia e independência (FONSECA, 2006, p.23).

Sendo assim, Soares (2004) nos ajuda dizendo que a aquisição da leitura e escrita está ligada à conquista da cidadania. Portanto, cabe aos administradores da educação, professores, alfabetizadores e comunidade em geral lutarem para que seja construída uma sociedade mais democrática, a qual possa garantir a todos o direito do exercício da cidadania plena e ao entrarem em sala de aula sejam tratados iguais em direitos e deveres, promovendo a alfabetização e o letramento de maneira prazerosa e significativa.

Neste contexto, Moran (2000) nos faz refletir dizendo que uma escola para desenvolver interesse, gosto, prazer e dê significado as atividades desenvolvidas nas práticas de leitura e escrita é necessário ter bons professores e bons gestores, que estes seja bem remunerados e formados em conhecimentos teóricos e comunicação, os quais sejam capazes de favorecer o acesso das crianças em práticas mais mediadoras do que informadora, incorporando cada vez mais o humano, a afetividade, a ética.

Entretanto, um dos requisitos para introduzir práticas prazerosas e inovadoras em sala de aula, segundo Moran (2000) é:

[...] partindo de situações concretas, de histórias, case vídeos, jogos, pesquisa, práticas e ir incorporando informações, reflexões, teoria a partir do concreto. Quanto menor é o aluno mais práticas precisam ser as situações para que ele as perceba como importantes para ele[...] (MORAN, 2000, p.01).

Porém, as atividades referentes à leitura e escrita, ou a qualquer outro tipo de atividade, só são significativas e prazerosas quando marcam de forma positiva a vida da criança, ou seja, quando a torna um ser ativo, reflexivo, autêntico, cooperativo, construtor do seu próprio conhecimento.

Contudo, vale ressaltar que por meio da leitura e da escrita desenvolvidas de forma inovadora, é possível tornar o aluno um ser mais sensível, confiante, alegre e conseqüentemente capaz de transformar sonhos em realidade.

4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A caracterização das professoras foi feita com base em dados coletados por meio de questionário, respondido por oito professoras, referentes à 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental, como também por meio de observações realizadas durante algumas atividades realizadas em sala de aula.

As professoras das séries acima citadas são formadas em curso superior, cinco graduadas em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú, uma delas terminou pós-graduação em Língua e Linguagem na mesma Universidade, uma tem licenciatura em Biologia, formada pela Universidade já mencionada e cursando Mestrado em Filosofia da Educação, uma Licenciada em História na Universidade Estadual da Paraíba, e uma delas têm curso de magistério, em nível médio.

Das oito professoras, seis delas possuem mais tempo de experiência: uma tem 29 anos; outra 28anos; duas 27anos; duas 15 anos (uma delas com experiência de 6 anos na 2ª fase do ensino fundamental); uma 4anos, com experiência também na rede particular de ensino e uma com 1ano e três meses. Com exceção da que tem experiência em escola particular, as demais só exerceram a docência em escolas públicas.

Mais que essas informações gerais sobre as professoras, procuramos analisar alguns fragmentos de seus discursos sobre as práticas de leitura e escrita utilizadas em sala de aulas para atrair a atenção das crianças no que desrespeito a ler e escrever por prazer, como também suas rotinas diárias, metodologias, frequências de leitura e dificuldades enfrentadas em desenvolver práticas de leitura e escrita na escola.

Com a finalidade de guardar o anonimato das professoras, elas foram denominadas em: A, B, C, D, E, F, G, H, conforme as séries que lecionam. De acordo com a pergunta: O que você mais gosta de ler? E com que frequência você ler? Elas responderam:

Professora A (2º ano)

“Livro com autoestima” e ler “todos os dias”.

Professora B (2º ano)

“Histórias infantis, contos e fábulas” e ler “em sala de aula com os alunos”.

Professora C (3º ano)

“Revistas e livros de literatura” e ler “semanalmente”.

Professora D (3º ano)

“Bíblia, histórias infantis, poesia, romance” e faz leitura “sempre”.

Professora E (4º ano)

“Livros sequenciais (ensaio, poesia e romance) e ler diariamente”.

Professora F (4º ano)

“Livros de Biologia e Nutrição e faz leitura diariamente”

Professora G (5º ano)

“Romance e ler trimestralmente”.

Professora H (5º ano)

“Literatura e faz leitura diariamente”

Estes fragmentos de falas expressam o que as professoras gostam de ler e com que frequência elas fazem leitura. Pudemos perceber que a maioria delas faz suas leituras diariamente e demonstram prazer, gosto e satisfação em ler e escrever. Nesta perspectiva, Alves Rubem (1999) compara o prazer de ler com um prato de comida, pois na gastronomia existem os pratos que dão prazer ao corpo e as gororobas que muitas vezes produzem diarreia, vômito e mal-estar.

Sendo assim, os livros podem nos trazer prazer ou desprazer, pois como diz Alves Rubem (1999, p.49) “Ler pode ser uma fonte de alegria. “Pode ser”. Nem sempre é. Livros são iguais à comida”.

Em se tratando da terceira indagação feita as professoras: Para você o que é ser um bom leitor? Elas responderam:

Professora A

E “ler frequentemente e entender o que está lendo”.

B “É o que ler e compreende o que leu”.

C “É transformar a leitura em hábito”.

D “Aquele que ler sempre”.

E “Fazendo da leitura um hábito, se dispondo a ler e entender o que está contido nos livros, dando aplicabilidade aos novos conhecimentos, ampliando com isso a visão de mundo”.

F “Ler o que gosta”.

G “Adotando hábito de leitura desde a infância. A escolha de títulos agradáveis é fundamental”.

H “É ler e entender o que está lendo”.

Diante desses depoimentos, podemos constatar que mesmo que algumas delas não utilizem a prática de ler diariamente, compreendem que um bom (a) leitor (a) é aquele que faz da leitura um hábito em sua vida cotidiana, além de ser capaz de compreender o que a leitura lhes proporciona, como também procurar ler o que gosta e aplicar na prática os novos conhecimentos adquiridos, ampliando a visão de mundo.

Entretanto ler é alienar-se, como diz Alves Rubem (1999, p. 56) “ler é um exercício de alienação” é gostar do que está lendo, compreender, sair do seu mundo e ir ao encontro do outro.

Se o mundo que me é próprio não for “desligado”, não poderei entrar no mundo que se encontra no livro. Desligo meu mundo. Começo a leitura. Entro num mundo que não é meu; é do outro (ALVES, 1999, p.57).

Ler é também fazer a leitura do seu mundo, pois sem ela não seremos capazes de ler o mundo do outro. Como diz Freire (1994) que a leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler e transformação da realidade com práticas conscientes.

Quando especuladas de como é sua rotina semanal em sala de aula referente à leitura e escrita?

A professora denominada A respondeu:

“Trabalhando textos diversificados, envolvendo leitura oral e escrita.”

B “Contínua”

C “Planejando as atividades do tema a ser trabalhado”.

D “Todos os dias faço leitura de pequenos textos, frases, palavras, etc”.

E “São realizadas atividades envolvendo leitura e escrita diariamente”.

F “Leitura diária, da disciplina ministrada e músicas e textos do projeto trilhas”.

G “Todos os dias reservamos um momento para leitura. Aproveito também qualquer disciplina para fazermos leituras coletivas e em alguns casos e momentos individuais”.

H “Trabalhamos diariamente”.

No que tange a rotina semanal de leitura e escrita na sala de aula, 6

professoras mencionaram desenvolver momentos de leitura diariamente,¹ respondeu utilizar texto diversificado sem falar se utiliza todos os dias, semanalmente ou de vez em quando, 1 planeja as atividades de acordo com o tema a ser trabalhado.

Todavia, trabalhar leitura todos os dias em sala de aula, principalmente com crianças nas primeiras séries do ensino fundamental, é de suma importância, pois está aproximando-as de práticas de leituras prazerosas e não para fins avaliativos, já que muitos profissionais só inserem seus alunos em práticas de leitura e escrita por obrigação. Para isso, é preciso que o professor tenha o domínio da técnica da leitura e leia para seus alunos, fazendo-os voar no mundo encantador da leitura. Sobre isso, assim nos diz Alves (1999, p. 62).

Foi D. Iva-não sei se ela ainda vive- quem me ensinou que ler pode ser delicioso como voar ou como patinar. Ela lia para nós. Não era para aprender nada. Não havia provas sobre os livros lidos. Ela lia para que tivéssemos o prazer dos livros. Era uma alegria. Ninguém faltava, ninguém piscava. A voz de D. Iva nos introduzia num mundo encantado. O tempo passava rápido demais. Era com tristeza que víamos a professora fechar o livro (ALVES, 1999, p. 62).

Sobre: O que as professoras fazem para atrair a atenção dos alunos em suas aulas e promover o gosto e o prazer pela leitura e escrita? Responderam:

Professora A “Jogos, músicas, bingo de palavras, adivinhas, trava-língua, etc.”

B “Jogos, dinâmica, atividades diferenciadas”.

C “Exposição de cartazes e vídeo”.

D “Procuro textos como música, histórias infantis, poesia, trava-línguas, cantigas de rodas”.

E “Procuro privilegiar a realidade na qual os alunos estão inseridos, bem como todo e qualquer conhecimento prévio dos mesmos. Partindo de algo próximo da nossa realidade fica mais agradável e/ou prazeroso o trabalho de leitura e escrita”.

F “Com participação, dramatização, desenhos e pinturas.”

G “Faço suspenses, levantamentos prévios, às vezes ilustro no quadro ou faço uso de cartazes, dramatizações.”

H “Trabalhando diversos gêneros textuais”.

As declarações das professoras demonstram a utilização de várias estratégias possíveis no cultivar a atenção das crianças para despertar neles o gosto e prazer pela leitura e escrita. No entanto, nenhuma cita livros utilizados nesse processo. Concordo com todas as estratégias, mas no exercício da profissão docente os livros não devem estar afastados do cotidiano escolar, nem tão pouco das práticas de leitura e escrita, pois eles servirão como suporte técnico para nortear as práticas educativas em sala de aula. Os livros devem ser apresentados como uma comida a ser ingerida e degustada para fazer bem à inteligência. Como diz Alves (1999, p.59) “Eu me alieno por alguns livros diariamente: eles podem ser maravilhosos. Mas é preciso que sejam comidos com prazer para fazer bem à inteligência”.

Em se tratando da pergunta: O que os seus alunos gostam de ler?

A educadora A respondeu: “Histórias infantis como: fábulas, músicas e adivinhas”.

B “Contos de fadas”.

C “Rimas e contos”.

D “Textos do patrimônio oral, poemas e letras de músicas são exemplos. As trava-línguas, cantigas de rodas”.

E “Poesia”.

F “Rimas e fábulas”.

G “Contos e cantigas de rodas”.

H “Poesias, poemas”.

Levando em consideração que o testemunho do educador é de suma importância no desenvolvimento do gosto e prazer pela leitura e escrita, diante dessas respostas, pudemos perceber a pobreza de repertório de leituras por prazer dessas crianças, já que na resposta anterior as professoras apresentam diversas metodologias, as quais despertam a atenção e o interesse em ler e escrever. Portanto, é tarefa do professor (a) inserir os educandos em várias dinâmicas de leitura e escrita, pois o seu entusiasmo, encantamento, vontade, gosto e prazer se dão de acordo com a familiaridade do contexto em que vive. Para assegurar essa afirmação, Gouveia (2000) diz que:

[...] é importante que o professor tenha uma relação favorável com a

leitura e a escrita. Se essas atividades fazem parte de sua vida como algo prazeroso e necessário, se reconhece e experimenta suas diversas funções - informar, emocionar, divertir, fazer refletir... – ele certamente terá mais chances de trazer seus alunos para este universo, pois funcionará como modelo de referência para eles. No entanto, o que se observa em muitos casos é que as experiências dos professores com a leitura e a escrita, especialmente em função de seu processo de escolarização, nem sempre são ricas o suficiente para convertê-los em usuários habilidosos da língua (GOUVEIA, 2000, p.36).

Na sequência de perguntas, as professoras foram indagadas sobre: Como você estimula a prática da escrita em suas aulas?

Professora A disse: “Através de atividade ilustrada, reescrita de letras, sílabas, palavras, frases, pequeno texto e auto ditado”.

Podemos perceber que a mesma em seu processo de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita utiliza uma metodologia mecânica, pela qual seus alunos não estão aprendendo a ler e a escrever por prazer, mas estão sendo reprodutores de saberes que futuramente serão oprimidos em uma sociedade marginalizadora, como a nossa. Vale ressaltar que colocar os alunos em situação de leitura e escrita é inseri-los em práticas contextualizadas, na qual seja privilegiado o texto como unidade maior e não mais as sílabas e palavras.

Portanto, Ana Teberosky (1999 apud GOUVEIA e ORENSZTEJN, 2000) compara o processo de alfabetização como um ‘zoom’ de uma máquina filmadora ou fotográfica, o qual é responsável em focar fragmentos de um objeto que faz parte de uma cena completa, ou seja, no processo de alfabetização a cena completa é o texto e os fragmentos são: as palavras, as sílabas, as letras. O zoom acontece pela ação do professor quando procura textos adequados para alfabetização e ensina de forma contextualizada.

Professora B respondeu: “Através de cartazes, músicas”.

C “Leitura, compreensão, interpretação”.

D “Escreva a parte do texto que você mais gosta e que lhe tocou, o verso que lhe chamou a atenção ou reescreva o texto como você gostaria que fosse, dando outro título”.

E “A escrita é estimulada, através de reproduções textuais (cópias), e produções textuais, onde os alunos têm liberdade para produzir suas narrativas. Outras vezes os alunos criam novas versões de determinado texto”.

F “Dramatizações e pintura”.

G “Reproduções em grupo, textos fatiados para remontar, desafios de equipe, recriações de pequenos textos em grupo escritos e ilustrados, autoditado”.

H “Utilizando diversas formas, uma delas é o treino ortográfico, pesquisa, cópia”.

As declarações das professoras a respeito de como estimular a escrita demonstram certa dificuldade. Convém destacar que a escrita é tão fundamental na vida escolar quanto a leitura. Sua inserção em sala de aula de forma criativa introduzirá os educandos no mundo letrado, pois “a escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana” (MARCUSHI, 2005, p.16). Embora seja vivenciado de maneira diferente por cada sujeito.

As professoras E, G e H, utilizam reproduções ou cópias, a B músicas, a C leitura, compreensão e interpretação e a F dramatizações e pintura. Porém, essas atividades talvez não tenham objetivos significativos de escrita. Mas citaram outras metodologias como: criação livre de textos, cartazes, etc. Escrever não é apenas, reproduzir, mas têm que ter finalidade e de acordo com Gouveia (2001, p.35).

[...] escrever para expressar as ideias, para organizar os pensamentos, para aprender mais, para registrar e conservar como memória, para informar, para expressar sentimentos, para se comunicar à distância, para influenciar os outros (GOUVEIA; ORENSZTEJN, 2001, p.35).

Diante deste contexto, atividades utilizadas no cotidiano como: rótulos, etiquetas, jornais, revistas, receitas, bula, dentre outros, são atividades significativas e interessantes para colocar os alunos em contato com as mais diversas situações de leitura e escrita, podendo se apropriar de qualquer tipo de gênero textual para construir seu próprio texto.

Dando sequência ao questionário, indagadas sobre: A escola trabalha algum projeto de leitura e escrita?

Todas as professoras responderam que a escola trabalha com o Projeto Trilhas, o qual tem o objetivo de trabalhar leitura e escrita por prazer e não por obrigação. Através do mesmo, são utilizados diversos livros de literatura infanto-juvenil a fim de despertar nos alunos e professores o gosto e o prazer no ato de ler e escrever. Baldi nos diz que:

É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos compartilharem com eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmo, ao mundo que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticos, mais criativas (BALDI, 2009, p.8).

Em outra pergunta realizada as professoras: De que maneira o projeto está contribuindo para você como profissional? Elas expuseram suas opiniões da seguinte maneira:

Professora A “Este projeto contribui no meu aprendizado e na prática de ensino em sala de aula”.

B “Estão contribuindo como suporte para a melhoria em sala de aula”.

C “Ele contribui para o desenvolvimento, possibilitando o professor a desenvolver o gosto e o prazer pela leitura”.

D “Esses projetos foram de grande valor para nós professores, o que antes era impossível hoje com os projetos se tornou bem melhor e mais práticos. Os projetos traz para nós professores um esclarecimento real de uma verdadeira alfabetização”.

E “O projeto possibilita o contato direto dos alunos com textos de diferentes gêneros, com isso, torna mais dinâmica e efetiva a participação do professor como mediador no processo de construção da aprendizagem”.

F “Ajudando no desenvolvimento das crianças”.

G “O projeto além de render os nossos conhecimentos estimula os alunos com novas práticas”.

H “Está contribuindo na maneira diversificada de ensinar e adquirir uma nova metodologia até mesmo de aprender”.

As análises que todas as professoras fizeram do projeto trilhas é de eficácia no aumento de suas aprendizagens, mostrando que é possível tornar momentos que antes eram impossíveis, como relata a professora D, em verdadeira alfabetização. Como também a professora E, a qual considera o projeto como algo que torna mais dinâmica e efetiva a participação do professor como mediador. De modo especial podemos destacar o depoimento da professora C, que traz em sua fala o objetivo do projeto: “desenvolver o gosto e o prazer pela leitura”. Acrescento ainda a escrita, já que leitura e escrita formam uma dobradinha indispensável à vida dos seres

humanos, principalmente em uma sociedade como a nossa, em que se destacam aqueles que possuem a habilidade da escrita. Como diz Marcushi,

[...] a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial a própria sobrevivência no mundo moderno (MARCUSHI, 2005, p.16).

Por fim, foi explorado o seguinte aspecto: Quais as maiores dificuldades que você enfrenta em desenvolver práticas de leitura e escrita? E o que você propõe para diminuir essas dificuldades?

Professora A relatou: “Falta de interesse do aluno e comportamento” sugere brincadeiras e jogos.

B “A não colaboração da turma durante as aulas, a falta de colaboração da família na escola”. Não propôs nada para diminuir as dificuldades.

C “... é herança do analfabetismo, a falta de acompanhamento dos pais que não foram alfabetizados e também o número de alunos acima da média do Brasil em sala de aula”. “A minha proposta seria criar um esquema que previsse o reforço escolar de Língua Portuguesa e Matemática. Seria deslocado para salas exclusivas na mesma escola em horário diferenciado”.

D “A maior restrição da leitura e escrita, unicamente, a sala de aula”. Propõe que “tal prática deve ser realizado em outros espaços, para além da escola, sejam eles institucionais ou não”.

E “Os diferentes níveis: silábico, pré-silábicos, dificultando o avanço dos mesmos e o trabalho do professor em leitura e escrita”. Sua proposta é de que “precisa de uma organização por níveis e idade”.

F “O desinteresse dos alunos”. A sugestão é “tentar chamar a atenção do aluno e o fazer participar e ficar envolvido”.

G “Concretamente não contamos com boa parte dos alunos estimulados. O que se agrava com a falta de comprometimento dos pais”. A proposta de que “o Brasil além de investir mais em educação deve valorizar ainda mais os docentes e capacitar corretamente todos os integrantes da escola, envolvendo a família no ambiente escolar”.

H “É muitas vezes o medo de ler, a vergonha dos colegas, já que os meus

alunos a maioria está com a idade avançada em relação à série que estão estudando e esse é mais um problema em minha sala de aula”. Seu parecer é de formar “salas de reforço em horário oposto, onde pudesse trabalhar diretamente esta dificuldade”.

Todas essas falas das professoras demonstram suas dificuldades em trabalhar leitura e escrita em sala de aula, bem como sugestões importantes para diminuir tais dificuldades. 04 delas citam o desinteresse dos alunos ou o desestímulo, 1 afirma que tais práticas estão restritas apenas em sala de aula, 1 esclarece a diversidade de níveis que os alunos apresentam ou não chegam alfabetizados, 1 acrescenta a herança do analfabetismo dos pais e o não acompanhamento dos mesmos no processo de ensino aprendizagem e 1 aponta o fator distorção idade série.

É verídico que essas dificuldades perpassem todas as salas de aula, pois temos um país com pouca cultura de leitura e escrita, pais analfabetos funcionais. Mas não podemos deixar de frisar que temos também professores desmotivados, desinteressados e maus formados para exercerem a prática docente, deixando de fomentar nos alunos o gosto e o prazer pela leitura e escrita. Segundo Lajolo (2002), a precariedade no repertório de leitura e escrita desses profissionais é grave, e essa gravidade aumenta ainda mais quando sabemos que o ato de ler e escrever vai além do conhecimento de técnicas e metodologias.

Sendo assim, “a formação de um leitor exige familiaridade com grande número de textos. É preciso, pois, que haja espaço para leitura nos cursos destinados as profissionais de leitura” (LAJOLO, 2002, p. 108).

Quanto às sugestões para diminuir as dificuldades de leitura e escrita dos alunos, sabemos que não é tarefa fácil, mas quando se tem o objetivo de proporcionar às crianças o direito de ler, escrever, ser cidadão crítico e autônomo, toda luta, esforço e determinação valem a pena. Pois instigar nos alunos o gosto e o prazer pela leitura e escrita é tarefa urgente em nossa sociedade, principalmente nas escolas, tais práticas resultam: inclusão social, recuperação da autoestima, da autonomia e emancipação do homem. Como diz Cavalcante (2006, p.27), “O sucesso ocorre nas escolas em que a leitura e escrita são tratadas como conteúdo central é um meio de inserir o estudante na sociedade”.

4.1 Dados de observações informais

Além desses conceitos formados pelas professoras, também foram observados alguns aspectos mais informais do cotidiano escolar.

Na maioria das salas de aulas pudemos perceber que leitura e escrita são tratadas dissociadas, de forma mecânica, em que a professora interpreta para o aluno o conhecimento sistematizado do livro didático, desta forma gerando desinteresse, desmotivação pelo ato de ler e escrever. Segundo Kleiman (2007), “As práticas desmotivadoras, persevera até pelas consequências nefastas que trazem, provém, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem” (KLEIMAN, 2007, p.43).

Sendo assim, por um lado temos alunos desestimulados, obrigados a ler e escrever o que os professores querem, não sendo capazes de expor seus sentimentos, emoções, criticidade. Esse entendimento se dá pelo fato da leitura apresentada em sala de aula não ser dinamizada ou o aluno não ter liberdade de escolha. Diante disso Alves (1999, p.49) diz: “Ler sem gostar é prova de doidice”. E Lajolo reafirma que:

[...] a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda classe à leitura de um mesmo livro [...] (LAJOLO, 2002, p.108, 109).

Por outro lado para ampliar as concepções de leitura e escrita para além do livro didático dos alunos, temos professores com pouco preparo. Kleiman (2007, p.15) aponta a precariedade na formação de alguns professores como sendo uma das consequências para a qualidade do ensino. A autora afirma que “a própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto que ensinar a ler”.

Portanto, percebemos que mesmo a escola trabalhando um projeto de leitura e escrita, o qual prioriza a diversidade de gêneros textuais, existe a imposição de realização de leituras que não são livres, mas pré-estabelecidas. Sendo assim inibindo a capacidade de desenvolvimento da aprendizagem dos educandos. Lerner diz que:

Quando a necessidade de avaliar predomina sobre os objetivos didáticos, quando – como ocorre no ensino tradicional da leitura – a exigência de controlar a aprendizagem se sobrepõe ao critério de seleção e hierarquização dos conteúdos, se produz uma redução no objeto de ensino, porque sua apresentação se limita àqueles aspectos que são mais suscetíveis de controle (LERNER, 2001, p.32).

Quanto à biblioteca, pudemos constatar que durante nossa investigação na escola campo, este espaço que devia ser aberto para alunos e professores terem livre acesso encontra-se sempre fechado. E o que é mais preocupante, nenhum professor se quer frequentou-a, pois como nos diz Kleiman “para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura” (2007, p. 15).

No entanto, como diz a sabedoria popular, um livro fechado é apenas um livro e ele aberto cria asas para podermos voar. Mas como professores e alunos dessa instituição vão voar, com os livros empoeirados, guardados nas estantes?

Em relação à disponibilidade dos livros na biblioteca da escola pesquisada, ela conta com um acervo muito rico e em se tratando de literatura infanto- juvenil podemos citar alguns autores conhecidos como: Ana Maria Machado, Machado de Assis, Cecília Meireles, Rubem Alves, Ruth Rocha, etc. Como também podemos citar autores poucos conhecidos, a exemplo de: Hardy Guedes, Angela Lagos e José de Nicola. Esses livros sendo manuseados pelos professores podem oferecer-lhes subsídios para proporcionar uma boa aula aos seus alunos.

Entendemos que uma biblioteca é a extensão da sala de aula e para adquirir personalidade própria é preciso ser cutucada, ou seja, folhear livros, ler. Como afirma Baldi (2010) que uma biblioteca deve ser um lugar cutucado e visitado por toda comunidade.

Outro aspecto observado, considerado relevante, foi à introdução dos alunos em práticas de leituras que contemplam a literatura infanto-juvenil, pois encontramos duas professoras utilizando alguns exemplares. Momentos únicos, que demonstravam o gosto e o prazer com o envolvimento dos alunos na atividade de leitura. Soligo (2001) afirma que: “uma prática de leitura que não desperte nem cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente” (p.212). Contudo, aquele momento pode ser considerado como uma prática pedagógica correta, pois as professoras deixam-nos livres, para escolher o que queriam ler e, logo após, fazerem suas interpretações, respeitando-os e incentivando-os no processo de construção do conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando de maneira reflexiva e crítica sobre toda pesquisa realizada para elaboração desta monografia, consideramos que as práticas de leitura e escrita estão em uma via de mão dupla, pois a medida que os sujeitos se conscientizam, eles avançam para além dos muros da escola e no espaço escolar se tornam cada vez mais didatizados, embora prevaleça os princípios de leitura e escrita sem objetivo algum, tornando os futuros leitores e escritores em reprodutores de conhecimentos, ao invés de aliená-los ao mundo da leitura e escrita, ou seja, ensinando-os a serem devoradores de livros (ALVES, 1999).

Lamentavelmente, durante um ano e cinco meses que atuo nesta escola e no decorrer de toda minha investigação, pude observar que surgiram vários programas e projetos na tentativa de fazer o ato de ler uma prática criadora e potencializada de prazer. No entanto, alguns funcionaram, mas a maioria permaneceu apenas no discurso.

Acredito que esta falta de esforço no sentido de fazer da leitura um ato de prazer se dê pelo fato de que o objetivo primordial da escola ainda seja transmitir conhecimento e não fazer do sujeito ator principal do processo ensino-aprendizagem e construtor de conhecimento.

A questão das dificuldades encontradas no ato de ler e escrever na escola são problemáticas que se arraigam desde os primórdios, porém a escola e todos que as compõem pouco fazem para reverter esse quadro, mas percebemos que muito lentamente essas transformações estão acontecendo. Entendemos que mudar a lógica da escola, já incorporada ao processo educativo há muito tempo, não é uma tarefa fácil, mas desafiadora, e nem irá acontecer em curto prazo, mas far-se-á necessário que os professores insistam, plantem sementes de otimismo, esperança, reguem, para futuramente germinar, possibilitando uma transformação no espaço educativo.

Durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, percebemos que é muito fácil encontrar culpados para as práticas de leitura e escrita não serem bem sucedidas. Família, direção, poder público e os alunos são sempre os culpados, menos os principais responsáveis em desenvolver o ato de ler e escrever na escola: os professores. Considero que impera neste caso um jogo de acusações sem fins produtivos, que se preocupa em apontar quem está errado, ao invés de refletir sobre

suas práticas e tentar buscar possíveis alternativas para transformar a relação dos leitores e escritores com a leitura e escrita. Esta relação que deve ser fundamentada no contexto sociocultural do educando a fim de construir com este uma leitura crítica em interação com o mundo, e nesse processo, o professor deve ser o principal mediador.

Valorizar o conhecimento do educando, sem considerá-lo como uma taboa rasa, é um dos princípios que devem ser considerados na construção do conhecimento, bem como, colocando-os em contato com diversas situações de leitura e escrita são princípios de tornar os alunos bons leitores e escritores através desses reconhecimentos tornará os alunos como sujeitos de sua aprendizagem.

De pouco vale dominar a leitura e a escrita se quem o faz não encontra sentido nesse fazer, se não consegue ressignificar cotidianamente em suas relações esta prática. Precisamos ter clareza de que o texto não é feito simplesmente de palavras desconexas, mas de um conjunto de informações. Para compreender a linguagem escrita é mais importante tentar entendê-la pelo seu contexto, que é por si só denunciador de significados, portanto, o aluno fará uso de sua leitura de mundo.

Sabemos que a educação não tem priorizado por abordar a leitura e escrita pelo viés do prazer, mas temos convicção que por meio de pequenas ações, tais como: a criança ver um adulto constantemente lendo – que pode ser alguém da família ou professora; ter acesso a bons e interessantes livros, propor atividades que façam com que os discentes pensem sobre o que fazem e não apenas reproduzam leituras respondendo a questionários e exercícios; incentivar a leitura pela fruição e deleite, entre outras ações. Estas são práticas que possivelmente contribuirão para que o ato de ler e escrever por prazer deixe de ser utopia e torne-se realidade.

Esta pesquisa não teve por intenção traçar um percurso, um caminho a ser seguido, mas sim o de expressar as reflexões e experiências singulares de uma pedagoga-pesquisadora em formação. Meu desejo é o de apresentar possibilidades que podem vir a quebrar/romper a ideia entre as crianças de que ler é chato e só serve para fazer exercícios.

Sendo assim, audaciosamente sonho com uma escola que não condicione seus discentes, sonho e penso ser possível que todos os professores, principalmente os do Ensino Fundamental, tornem-se como a *Professora maluquinha* (1995), de Ziraldo. Uma docente que pensava, planejava e realizava

toda a sua prática pedagógica com o objetivo de tornar seu fazer mais prazeroso e significativo para as crianças, de forma que estes aprendiam brincando.

Em meio a minhas fantasias, sonho o mesmo sonho de Rubem Alves (2004), que seria o dever as escolas almejarem apenas uma única coisa, o prazer de ler, queria que essa fosse a primazia de todo e qualquer espaço formador. Acredito que, se esse sonho se tornasse real, a aprendizagem da leitura por prazer seria uma realidade e não uma utopia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Ao Professor, com Meu Carinho**. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

ANDERLE, Salete Teresinha dos Santos. **Tese de análise de leitura e escrita**. Tradução, adaptação e validação. Universidade de Santa Catarina, Florianópolis: UNISUL, 2005. Dissertação de Mestrado em Psicopedagogia.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

BRASIL. Programa de formação de professores alfabetizadores (PROFA). Brasília, v. 1, 2,3. 2001.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais**. Uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 9. ed. Editora Scipione, 1996.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três capítulos que se completam. 29.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FONSECA, Claudia Silva. **A leitura e escrita na educação de jovens e adultos**: Caminhos da aprendizagem. Guarabira: UEPB, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: Ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo: Fuvale, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

INÊZ, Maria. **Visão Histórica do Ensino-Aprendizagem da Lecto Escrita**. Disponível em: <http://pedagogia.tripod.com/lectoescrita.htm>. Acesso em: 09 jun. 2009.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura teoria e prática**. 3. ed. Pontes Editora. São Paulo, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

LERNER, Delia. É possível ler na escola? BRASIL. **Programa de formação de professores alfabetizadores (PROFA)**. Brasília, (M2UET3) 2001.

LIMA, Ilane Coutinho; AZEVEDO, Rosany; Artigo O livro e seus principais suportes: papiro, pergaminho e papel. S/D. Disponível em:< http://www.unices.com.br/html2/arquivos/artigo_rosany.doc>. Acesso em: 20 jul. 2009.

MAGALHÃES, Justino Pereira. **Linhas de investigação em história de alfabetização em Portugal**. Disponível em Revista Brasileira de Educação. Amped– Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Nº 2, 1996.

MARCONI, M.A e LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NERO, Cyro Del. Blog. Disponível em:< <http://www.ipvalparaíso.org/educação08.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ: 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOLIGO, Rosaura. Para ensinar a ler. BRASIL. **Programa de formação de professores alfabetizadores (PROFA)**. Brasília, (M1U7T8) 2001.

SMITH, Frank. O papel do professor. In. BRASIL. **Programa de formação de professores alfabetizadores (PROFA)**. Brasília, (M1U9T13) 2001.

ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha**. Ilustrações do autor. São Paulo: Companhia, 1995.

ANEXOS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Olá, este questionário tem por objetivo coletar informações referentes à prática pedagógica das professoras no que se refere a sua metodologia No desenvolvimento do gosto e prazer pela leitura e escrita.

Obrigada pela atenção!

IDENTIFICAÇÃO

Nº de aluno na sala:..... Turno:Turma:.....

Tempo de docência:.....

Efetivo () Contratado ()

Graduação:.....Ano de conclusão:

Universidade que estudou:.....

Pós-graduação:Ano de conclusão:.....

Universidade que estudou:.....

Masculino () Feminino ()

QUESTIONÁRIO DESTINADO AO PROFESSOR (A)

- a) O que você mais gosta de ler?
- b) Com que frequência você ler?
- c) Para você como ser um (a) bom (a) leitor (a)?
- d) Como é sua rotina semanal em sala de aula referente à leitura e escrita?
- e) O que você faz para atrair a atenção dos alunos em suas aulas, e promover o gosto e o prazer pela leitura que e escrita?
- f) Quais gêneros textuais seus alunos mais gostam de ler?
- g) Como você estimula a prática da escrita em suas aulas?
- h) A escola trabalha algum projeto de leitura e escrita? Qual (quais)?
- i) De que maneira o (s) projeto(s) está/ão contribuindo para você como profissional?

Quais as maiores dificuldades que você enfrenta em desenvolver práticas de leitura e escrita? E o que você propõe para diminuir essas dif